# Ô Catarina!

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA | 2008 | NÚMERO 66

**"A PRIMEIRA MISSA NO BRASIL"**
OBRA DE VICTOR MEIRELLES ESTEVE PELA PRIMEIRA VEZ NO ESTADO E REGISTROU VISITAÇÃO RECORDE

**ALEJANDRO AHMED**
UM PERFIL DO BAILARINO, COREÓGRAFO E DIRETOR ARTÍSTICO DO GRUPO CENA 11

**ROTEIROS DA IMIGRAÇÃO**
FOTOS DE PROPRIEDADES E BENS CULTURAIS TOMBADOS EM SANTA CATARINA

E MAIS: CRÔNICAS, POESIAS E DESENHOS INÉDITOS

## A ESCOLA COMO PALCO

PROJETOS APOSTAM NA ARTE-EDUCAÇÃO PARA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

EDITORIAL

# ARTE-EDUCAÇÃO

*Durante os primeiros meses de 2008, a coordenadora do projeto Crê Ser, Sofia Carvalho, esteve em contato com centenas de estudantes de diferentes escolas catarinenses, normalmente localizadas em áreas carentes ou rurais. Levava consigo pincéis, latas de tinta, e um método de arte-educação que, através de técnicas lúdicas, buscava estimular o desenvolvimento da criatividade e da auto-estima das crianças. Pedagogo com formação em artes cênicas, Luciano Mateus, coordenador do projeto Shakespeare nas Escolas, viu adolescentes passarem a admirar o dramaturgo inglês, e outros comemorarem a perda da timidez, já pensando até em futuras entrevistas de emprego. Tanto o trabalho de Sofia quanto o de Luciano, promovidos pela Fundação Catarinense de Cultura, buscam a construção da cidadania, e podem ser conhecidos nas páginas deste Ô Catarina!.*

*O jornal também traz um belíssimo apanhado de fotos de algumas propriedades e bens culturais que integram os Roteiros Nacionais de Imigração. O objetivo do projeto, desenvolvido pioneiramente em Santa Catarina, é preservar e valorizar o patrimônio deixado pelos diferentes imigrantes estabelecidos em solo catarinense. Vários municípios estão envolvidos na tarefa, e as imagens atestam que o Estado está repleto de locais dignos de figurar em qualquer roteiro, atraindo visitantes e estimulando o turismo cultural.*

*Reconhecido internacionalmente, o coreógrafo Alejandro Ahmed foi entrevistado pela jornalista Jade Martins Lenhart, que acompanhou seu dia-a-dia e descobriu novos lados do também bailarino e DJ, como seu desejo urgente de ter um filho e sua ojeriza à tarefa de arrumar as malas. Selecionado para integrar o livro "O Novo Conto Catarina", recentemente publicado pela Editora da UFSC, o texto "Caro Irmão", de Aleph Ozuas, também pode ser lido neste jornal. Na contracapa, sob curadoria do poeta e artista plástico Jayro Schmidt, o poema de Alcides Buss e a gravura de Chico Marinho se somam e se completam. Vista por mais de 35 mil pessoas durante sua estada em Santa Catarina, a Primeira Missa no Brasil, de Victor Meirelles, pode ser novamente admirada, logo nas próximas páginas, acompanhada de textos que nos fazem entender as razões de tamanho sucesso.*

NOTAS

## MULHERES DE TEATRO

FOTOS CLEIDE DE OLIVEIRA

O Vértice Brasil é um encontro e festival de teatro feito por mulheres, realizado em Florianópolis de 14 a 19 de julho de 2008. Ele cria uma versão nacional para o Projeto Magdalena, rede internacional de mulheres de teatro que nos últimos 20 anos vem gerando oportunidades de colaboração artística e correntes de apoio mútuo, tendo realizado grande número de encontros e festivais em todo o planeta. Em Santa Catarina, o evento busca apontar para novas perspectivas no que diz respeito à visibilidade e ao pensamento sobre uma ótica feminina no fazer teatral contemporâneo. Os espetáculos e as palestras são abertos à comunidade. Maiores informações no *site* www.verticebrasil.net

## AGENTES DE MUDANÇA

Com o tema "Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento", o 3º Fórum Nacional de Museus, agendado para 7 a 11 de julho de 2008, em Florianópolis, tem promoção do Departamento de Museus e Centros Culturais (Demu) e apoio da Fundação Catarinense de Cultura (FCC) e da Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte. Foi criado para ser um espaço de troca de experiências entre a comunidade museológica, sociedade civil, museus e órgãos de gestão museológica federais, estaduais e municipais. O Fórum Nacional de Museus é um evento bienal, de abrangência nacional. Mais informações: www.3forumnacionaldemuseus.com.br

## CINEMA PARA CRIANÇAS

A Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis, realizada de 27 de junho a 13 de julho de 2008, é um dos eventos mais importantes do país quando o assunto é cinema e criança. Com o diferencial de ação voltado à inclusão social e construção da cidadania através do cinema, a mostra vem avançando a cada ano e, tornou-se referência nacional e internacional. Em 2008, a meta era exibir 80 produções para mais de 25 mil crianças. Criada em 2002, ocorre anualmente, sempre nas duas primeiras semanas de julho, trazendo filmes e vídeos nacionais e estrangeiros, oficinas para crianças e professores, palestras e debates. Mais informações: www.mostradecinemainfantil.com.br

EXPEDIENTE

GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA | Luiz Henrique da Silveira

VICE-GOVERNADOR | Leonel Pavan

SECRETÁRIO DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE | Gilmar Knaesel

PRESIDENTE | Anita Pires
DIRETOR ADMINISTRATIVO | Armando Costa
DIRETORA DE DIFUSÃO ARTÍSTICA | Mary Garcia
DIRETORA DE PATRIMÔNIO CULTURAL | Simone Harger
ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO | Deluana Buss
CONSULTOR DE PROJETOS ESPECIAIS | Ray Borges Martins
CONSULTOR JURÍDICO | Sergio Locks
GERENTE DE ADMINISTRAÇÃO, FINANÇAS E CONTABILIDADE | Nelson Leal
GERENTE OPERACIONAL | Domingos Guedin
GERENTE DE LOGÍSTICA E EVENTOS | Soraya Fóes Bianchini
GERENTE DE PATRIMÔNIO | Karla Fonseca
GERENTE DE PESQUISA E TOMBAMENTO | Halley Filipouski
ADMINISTRADORA DO CENTRO INTEGRADO DE CULTURA | Iara R. da Silva
ADMINISTRADORA DO TEATRO ADEMIR ROSA | Margaret Westphal
ADMINISTRADOR DO MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA | João Evangelista de Andrade Filho
ADMINISTRADORA DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM | Denise Thomasi
ADMINISTRADORA DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA | Élia Mara Magalhães Brites
ADMINISTRADORA DO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA | Susana Simon
AMINISTRADORA DO TEATRO ÁLVARO DE CARVALHO | Márcia Dutra Boos
ADMINISTRADORA DA CASA DA ALFÂNDEGA | Lucília Polli
ADMINISTRADORA DA CASA DE CAMPO DO GOVERNADOR HERCÍLIO LUZ | Marilóide da Silva
ADMINISTRADOR DA CASA DOS AÇORES MUSEU ETNOGRÁFICO | José Neves
ADMINISTRADORA DO MUSEU NACIONAL DO MAR | Ana Coutinho
SECRETÁRIA EXECUTIVA DO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA | Marita Balbi

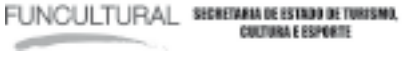
Ô CATARINA!

EDITORA| Deluana Buss (JP/SC 01009)
COORDENADORA| Mary Garcia
CONSELHO EDITORIAL | Jayro Schmidt, Mary Garcia, Nazareno Eduardo de Almeida, Néri Pedroso, Onor Filomeno
PLANEJAMENTO GRÁFICO E ARTE | Ayrton Cruz
IMPRESSÃO | Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (Ioesc)
TIRAGEM | 10 mil exemplares

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA**

Publicação da Fundação Catarinense de Cultura

APOIO |



**ENTRE EM CONTATO |**
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
Av. Governador Irineu Bornhausen, 5.600 — Agronômica – CEP 88025-202 – Florianópolis – SC

*E-MAIL* | ocatarina@fcc.sc.gov.br
FONE | (48) 3953-2383
*SITE* | www.fcc.sc.gov.br


COLABORADORES

**ALCIDES BUSS**
é poeta, autor dos livros "Cadernos da noite", "Contemplação do amor — trinta anos de poesia escolhida" e "Olhar a vida", entre outros.

**ALEPH OZUAS**
é mestrando em literatura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é cronista do jornal "Notícias do Dia", e criador do *site* de literatura e artes visuais Ciberarte.

**CARLA PESSOTTO**
é jornalista formada pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), com especialização em Jornalismo pela UFSC e mestranda em Literatura também pela UFSC.

**CHICO MARINHO**
é pintor e gravador. Paranaense, mora em Santa Catarina há 18 anos.

**EUGÊNIA GORINI ESMERALDO**
é museóloga, mestra em História da Arte pela Unicamp, curadora e coordenadora do Museu de Arte de São Paulo (Masp).

**JADE MARTINS LENHART**
é jornalista formada pela UFSC, e doutora em Teoria Literária também na UFSC, com pesquisa sobre o teatro de Nelson Rodrigues.

# CARO IRMÃO

Hoje cheguei ao povoado. Nesse momento estou na casa de uma simpática senhora que costuma hospedar os inexistentes viajantes que misteriosamente surgem nesta região. Contei a ela meus planos de morar aqui e pedi informações sobre um possível terreno à venda. Ela ficou surpresa que um "moço da cidade" tivesse interesse de morar neste "lugar esquecido por Deus". Disse a ela que planejo passar apenas algum tempo. Senti hoje, logo que cheguei aqui, uma estranha sensação de paz interior. Confesso que sinto falta de computadores conectados à internet e outras bugigangas da mesma família, coisas às quais eu estava tão intimamente ligado no meu trabalho, na minha vida. Felizmente trouxe esta velha máquina de datilografar, pois não conseguiria lhe escrever esta carta à mão! De qualquer forma estou bem...

Ah, como sou incompetente em mentir! Não sou capaz disso, meu irmão, não estou em paz! Estou tremendo, coisas me incomodam. Ao falar de meus planos, tive a certeza de que esta senhora é um maldito lagarto! Quando desviei meus olhos dela por um instante, vi algo, uma sombra nas lentes de meus óculos, algo que me deixou aterrorizado e faz minha barriga doer agora. Também antes de chegar aqui, havia encontrado um velho senhor capinando na beirada da estrada, ele pareceu me dizer algo tão tranqüilo e simples e percebi no fundo de seu estômago algo se contorcendo, algum organismo vivo que havia sido frito com a gordura do próprio corpo. A cidade inteira parece ser habitada por esses simulacros de boa e simples gente, meu irmão. Você consegue imaginar meu terror? Esperei tanto tempo por este momento, tantos planos, tantas certezas, e agora isso! O horror, o profundo desconforto, a dor. Como posso colocar em palavras o que sinto? É algum castigo não poder me refugiar longe dos meus pesadelos? Eu vejo as coisas, não é minha vontade, mas eu sei, consigo ver a miséria no interior destas criaturas.

Pretendia escrever uma carta com boas notícias para você, pretendia esquecer o que vi hoje, mas precisava desabafar com alguém, mesmo não tendo certeza se você receberá esta carta. As palavras no papel ajudam a me acalmar. Ajudam, sim. Queria poder viver em paz, parar de ser perseguido. O que querem de mim? Por que me torturam? Fugi porque resolvi parar de procurar respostas para estas questões. Tenho certeza agora de que nunca conseguirei, tenho a prova cabal disso em torno de mim, do outro lado destas paredes velhas.

Meus pés doem, meu irmão, doem como se estivessem sendo devorados por formigas. É outra forma de ver a vida, é outra forma de criar os parâmetros! Preciso deles para poder me libertar desta prisão. Preciso lhe falar ainda a respeito das outras pessoas que me espreitam aqui, que fazem eu me sentir assim. Os objetos dançam vagarosamente aqui neste quarto simples. O homem da carroça, a filha da dona desta estalagem, o padre na frente da pequena igreja... Todos eles. Juro que não tomei nenhuma droga hoje, nem mesmo os fármacos receitados. Queria entrar puro em um reino que considerava puro. Meus batimentos cardíacos continuam acelerados.

EDITORA DA UFSC, 2008, 166P.

TEXTO | ALEPH OZUAS
ILUSTRAÇÃO | AYRTON CRUZ | DIVULGAÇÃO

# A Primeira Missa no Brasil

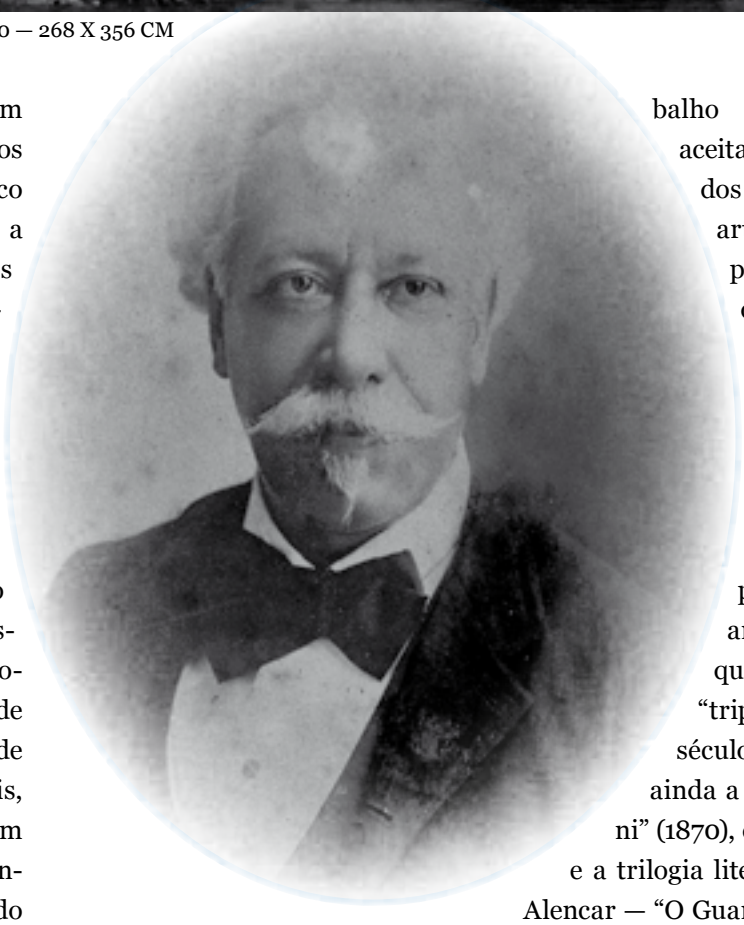
"A PRIMEIRA MISSA NO BRASIL" — VICTOR MEIRELLES — ÓLEO SOBRE TELA — 1860 — 268 X 356 CM

TEXTO | CARLA PESSOTTO
FOTOS | DIVULGAÇÃO

Um dos ícones das artes plásticas brasileiras, "A Primeira Missa no Brasil" foi vista por mais de 35 mil pessoas entre os dias 3 de abril e 11 de maio de 2008, período em que esteve no Museu de Arte de Santa Catarina (Masc), em Florianópolis. A exposição, promovida pelo governo do Estado, marcou dois fatos inéditos. Nunca, em todas as mostras realizadas anteriormente no Masc, havia sido registrada uma visitação tão grande — mais de 35 mil pessoas. E, pela primeira vez na história de Santa Catarina, a famosa obra do catarinense Victor Meirelles (1832-1903), concluída em 1860, esteve no Estado.

"Essa tela pode ser vista como a nossa 'certidão de nascimento'. Ela tem um significado muito especial na construção da identidade nacional", afirma Mônica Xexéo, diretora do Museu Nacional de Belas Artes, do Rio de Janeiro, instituição que há 100 anos tem a Primeira Missa em seu acervo. Para Mônica, além dos aspectos formais, o viés histórico ali contextualizado é o que torna a obra uma das mais emblemáticas de Victor Meirelles, ao lado de outro cultuado trabalho, "A Batalha dos Guararapes", de 1875, que recria o confronto que resultou na expulsão dos holandeses de Pernambuco, em abril de 1648.

Épica nas cores e formas, recompondo um momento histórico sob o ponto de vista dos conquistadores portugueses, a tela não somente se tornou a primeira obra de um artista brasileiro a participar de uma mostra internacional, em Paris, em 1861, como também ganhou um destaque sem precedentes no contexto pictórico nacional, alcançando popularidade surpreendente graças às ilustrações em cadernos escolares, selos e cédulas monetárias durante várias décadas do século 20.



Para João Evangelista de Andrade Filho, administrador do Masc, é a "fortuna crítica" um dos aspectos mais relevantes da pintura. "O trabalho recebeu grande aceitação por parte dos especialistas em artes e também do público em razão dos apelos nacionalistas e dos esquemas formais que apresenta", explica. Segundo ele, "A Primeira Missa" é a participação das artes plásticas no que denomina de "tripé indianista" do século 19, e que inclui ainda a ópera "O Guarani" (1870), de Carlos Gomes, e a trilogia literária de José de Alencar — "O Guarani" (1857), "Iracema" (1865), e "Ubirajara" (1874) —, todas calcadas nos primeiros contatos entre índios e brancos e na colonização européia.

# A ARTE FABRICANDO A HISTÓRIA

Desde 1737 realizavam-se em Paris os famosos *Salons*, grandes exposições com "obras em pintura, escultura, gravura, litografia e arquitetura de artistas vivos", muito populares e que atraíam verdadeiras multidões.

Os visitantes que acorreram ao *Salon* de 1861, inaugurado a 1º de maio no Palais des Champs-Elysées, tiveram a oportunidade de, pela primeira vez, apreciar a pintura de um brasileiro. Tratava-se, como informa a página 263 do catálogo da exposição, de *Meirelles de Lima (Victor) né à Sainte-Catherina (Brésil) élève de MM. Leon Cogniet et A. Gastaldi*. Ou seja, Victor Meirelles de Lima, nascido na então Nossa Senhora do Desterro, em Santa Catarina, "aluno dos senhores Leon Cogniet e A. Gastaldi", foi o primeiro brasileiro a expor naquele prestigioso *Salon*, ao lado de nomes como Manet, Corot e Puvis de Chavannes, apresentando a "A Primeira Missa no Brasil".

O verbete informa ainda a moradia do pintor em Paris: *rue du Cherche Midi, 109,* e a obra *"Première messe celebrée au Brésil"*, sob número 2.183, assim é descrita: "Na sexta-feira, primeiro de maio de 1500, o padre Henrique celebrou a missa na presença dos selvagens, que pareciam prestar à cerimônia a mais viva atenção e se levantaram todos no momento do evangelho".

Assim, a grande obra foi vista pela primeira vez na capital francesa, onde foi também realizada. Victor Meirelles recebera, em 1852, o prêmio de viagem da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. No ano seguinte viaja para a Europa, com somente 21 anos, desembarca no porto de Le Havre e, após rápida passagem por Paris, segue para Roma. Ali estuda por pouco tempo com Tommaso Minardi e depois tem aulas com Nicola Consoni, exigente no desenho vivo, viajando também a Florença, onde tem contato com obras de igrejas e museus. O período em Roma o leva a conhecer as obras dos puristas, como bem acentuou Jorge Coli. O desenho resulta mais delicado e tênue, em contraposição ao seu aprendizado anterior na Academia no Rio de Janeiro, centrada no rigor do neoclassicismo tão caro aos professores franceses que ali trabalharam. Esta experiência influenciará sua produção posterior, principalmente nesse quadro.

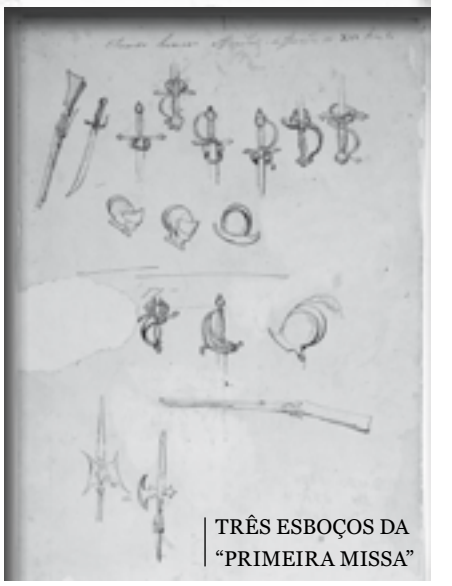
A obra pode ser vista também como parte do projeto de afirmação do país, colocado em prática durante o governo de dom Pedro 2º, apoiado principalmente na literatura e na arte, divulgando, entre outras, a idéia dos indígenas brasileiros como vítimas do português colonizador. O país seria o berço de uma nova sociedade e os selvagens, indivíduos de boa índole, provável influência do *bon sauvage* de Rousseau, o que Meirelles, de certo modo, aqui mostra com os índios pacificamente ladeando os europeus.

Quando Meirelles vai para a Europa, um dos seus grandes incentivadores é Araújo Porto Alegre, então diretor da Academia de Belas Artes, com quem ele se corresponde durante toda sua estadia. Partidário dessa corrente, estimulou-o a produzir uma pintura que calasse fundo nesse sentimento de brasilidade que se estava instituindo e disseminando. Sugere-lhe que leia textos sobre temas a serem abordados em pintura e, mais especificamente, insiste para que ele leia a carta de Pero Vaz de Caminha. Meirelles seguiu o conselho à risca, não sem antes observar a pintura "A Primeira Missa em Kabilia", de Horace Vernet, com a qual sua obra mostra semelhanças.

Assim, esta grande pintura pode ser considerada uma interpretação da carta. A cena é um panorama desse primeiro ofício religioso em terras brasileiras. Na areia da praia, vislumbra-se à direita a água, a vegetação circundante e, em primeiro plano, quase numa frisa, os índios que observam a cerimônia. A sombra da árvore protege-os do sol e permite que a luz incida na areia e no altar, realçando as vestes do padre e a capa do seu auxiliar, o rubro da vestimenta do fiel ajoelhado e o brilho prateado da armadura do soldado. Há uma forma triangular encimada pela cruz, cujas laterais se formam pela densa vegetação e o galho da imensa árvore onde estão alguns índios, com a base formada pelos gentios. A vegetação é rica, com detalhes, como na árvore e nas palmeiras, e imprecisa ao fundo. Nosso olhar vagueia pelo amplo círculo formado pela assistência: marinheiros, indígenas, a arca com a tampa levantada, provavelmente para os objetos litúrgicos.

Pinceladas tênues e a iluminação difusa formam esta imagem, que se consagraria como a verdade histórica do ocorrido em 1500, tal a expressão obtida por Meirelles no sentido de recriar a história e passá-la para as gerações seguintes. Ela faz parte do imaginário de várias gerações de brasileiros, ilustrou cadernos, livros escolares, cédulas do cruzeiro, mostrando a primeira missa no momento em que frei Henrique de Coimbra, diante de Cabral e sua comitiva, ergue aos céus a hóstia na consagração. É também a consagração da terra, a afirmação da posse transcrita em pintura, no momento em que havia um projeto nacional de afirmação de nossos valores por parte do poder político em ação no século 19.

Como bem disse Jorge Coli: "Meirelles atingiu a convergência rara de formas, intenções e significados que fazem com que um quadro entre poderosamente dentro de uma cultura. Esta imagem do descobrimento dificilmente poderá vir a ser apagada ou substituída. Ela é a primeira missa no Brasil. São os poderes da arte fabricando a história".



TRÊS ESBOÇOS DA "PRIMEIRA MISSA"

TEXTO | EUGÊNIA GORINI ESMERALDO
FOTOS | DIVULGAÇÃO

# Sphex ONZE

## Um

A freqüência com que Sphex deixa sua casa para trabalhar vem aumentando muito nos últimos meses. Do pequeno prédio de inspiração modernista debruçado sobre a orla de Coqueiros, parte sempre à noite com a mochila carregada de equipamentos: *mixer*, fones de ouvido, toca-discos, cabos, cases e *set lists* de canções novinhas em folha. Suas especialidades, o *minimal tecno* e o *minimal electro*, embalam as madrugadas modernas de gente que insiste em amadurecer o *underground* mesmo numa ilha famosa pelo boi-de-mamão e o pirão d'água. DJ dos mais conhecidos em Santa Catarina, Sphex ainda arranjou outro jeito de arrancar o sono de seu público: "Será que algum dia ele deixa de dançar?", perguntam-se uns e outros, entre drinques e barulhinhos.

## Dois

Sphex nem sempre foi o codinome de Alejandro. Há algum tempo, coisa de cinco anos, ele era apenas Alejandro Ahmed, bailarino na infância, coreógrafo desde a juventude, diretor artístico da companhia Cena 11 há 15 anos, famoso freqüentador de baladas alternativas em seus (raros) momentos longe da rotina da dança. Um cara que pisou o palco pela primeira vez aos 13 anos, e desde então acumula prêmios sem precisar de nenhum malabarismo: os dois últimos foram no fim do ano passado, o Bravo! Prime de Cultura, por melhor espetáculo, e o Sérgio Motta Arte e Tecnologia, ambos para "Pequenas Frestas de Ficção sobre Realidade Insistente". No palco, já é autor de grandes feitos: elaborou coreografias premiadas, ouviu elogios rasgados, conheceu críticas negativas, dançou com alguns de seus ídolos, polemizou com a própria nudez. Em 15 anos de trabalho, um norte prevaleceu, a "procura de honestidade". Vem deste lema o seu maior orgulho: "a maneira como a companhia se organizou, sem concessão artística de qualquer espécie, e com certo grau de estabilidade".

## Três

Estabilidade, para Alejandro, é manter o mesmo objetivo, a honestidade, num percurso contínuo. Rima com equilíbrio, não com eternidade. Autor de oito espetáculos para o grupo, diretor de 11 bailarinos, "chefe" de 18 funcionários, parar de dançar já parece algo natural. Não pela barreira do corpo, já que o grupo prioriza técnicas menos espartanas, mas pelo próprio processo da maturidade: "vai chegar uma hora em que vou desejar usar a informação para outra coisa". Seu futuro, acredita, é se tornar unicamente coreógrafo, arranjando e desconstruindo passos alheios. Enquanto não deixa a cena do palco, pesquisa e estuda e discursa sobre seus pontos favoritos em dança: o trato com o corpo, a espetacularização das coisas, as possibilidades de construção de um espetáculo de forma honesta. A compreensão dessas questões parece atender a um desejo mais que profissional em Alejandro: para ele, "a arte é uma estratégia de sobrevivência da espécie humana para compreender melhor a realidade". Sem ela, sobraria apenas desespero.

ALEJANDRO E CACHORRA NINA

## Quatro

Uma das maiores lições de vida, ele recebeu no fim de 2005. A bailarina do Cena 11 Gica Alioto morreu de câncer aos 32 anos. A tristeza pelo imprevisto colocou-o diante de uma antiga pergunta, a dúvida que todos manejam nos momentos escuros: "O que eu faço enquanto estou vivo?". Se a suposta resposta parece fácil, dança, a resposta que vem é menos profissional e mais aberta. Alguns fatos da vida afastaram Alejandro do espírito *workaholic*. Seu prazer é o prazer do cotidiano, das coisas miúdas e simples, de buscas outras e variadas. Dorme tarde, e pouco, aprecia doces e carne vermelha, sonha com um boteco próprio, gosta de comprar roupas e sapatos, prefere açúcar a adoçante, teme doenças e falta de grana, baixa música na internet, detesta uva passa e beterraba, reza de vez em quando, fuma um cigarrinho e outro — embora tenha parado, com certo custo, há três verões, depois de 13 anos de hábito. Não conta piada, mas relaxa fácil, garante. Bastam uns drinques e uma noitada agradável entre amigos. Mesmo encontrando razões para a vida fora do universo do palco, quase todos os seus amigos, coisa de "90%", dialogam com suas duas paixões profissionais: ou são músicos ou são bailarinas. Por isso, garante, "tá sempre ligado".

## Cinco

Não vive sem café, sexo e álcool, principalmente se do lado de lá do balcão vier uma boa tequila. Política também lhe parece assunto sério, conceito em que consegue encaixar ele mesmo e o grupo: "não tem como não acreditar, a gente está inserido nela". Já é cada vez mais possível viver de dança no Brasil, quase uma realidade, ainda que faltem uns tantos contornos até a construção de algo além da utopia. Familiarizado com as leis de incentivo, e patrocínios de toda ordem, assinala que "ainda não foi criada uma política cultural séria no país, o que não exclui grupos e bailarinos deste processo". Suas referências em dança quase sempre rompem a barreira estética para se misturar à ética. Não à toa, perceber precariedades e definir o que dota ou não o homem de poder são algumas das buscas mais insistentes do bailarino, assaltando seus pensamentos até mesmo quando está diante daquelas três paixões inapeláveis.

## Seis

Alejandro implica com a própria mania de querer sempre todas as coisas, ao mesmo tempo: músicas, roupas, livros, equipamentos, referências, paisagens. Atualmente, tenta administrar seu tempo com três atividades principais: dança, que treina e ensaia seis horas por

TEXTO | JADE MARTINS LENHART
FOTOS | CRISTIANO PRIM E GILSON CAMARGO | DIVULGAÇÃO

# ATOS

dia; pesquisas sobre corpo e movimento, que fundamentam suas coreografias e seu olhar exclusivo sobre a arte; e música, quase toda buscada na internet. A ânsia, porém, só acentua sua "tensão sob controle", estado de espírito do momento: entre um e outro intervalo, lê poesia, sobretudo a de Augusto dos Anjos e Arnaldo Antunes, curte quadrinhos, seu herói é Wolverine, e ainda incursiona pelo universo dos videogames, passatempo antigo que influenciou "Violência", espetáculo da companhia em 2004.

## Sete

O problema começa a se delimitar quando a vocação para o abraço irrestrito alcança seus relacionamentos pessoais, sobretudo seus namoros. Parece difícil encontrar alguém disposto a avaliar antigos paradigmas: "todo formato precisa ser pensado do lado de dentro, e é uma pena que a maioria das nossas coisas tenha que se encaixar em padrões já existentes". Ainda assim, o currículo sugere certa inclinação aos namoros longos, quase sempre com bailarinas. Embora a curiosidade torne a fidelidade uma busca difícil, a definição de uma boa união ainda conserva ecos românticos, como seu ideal de felicidade, que pede sobretudo paz e amor. Se as normas antigas já soam gastas, ainda é possível acreditar "num relacionamento que expanda a capacidade dos dois de viver bem no mundo". Quem aceitar a causa, com a mesma energia com que Alejandro costuma agarrar tudo, tem vaga já num outro projeto, tão urgente quanto seus desejos imediatos: um filho, e no máximo em quatro anos.

## Oito

Há algum tempo está solteiro de novo. No apartamento modernista, construído em 1963 para ser um hotel, vivem apenas ele e a cachorra, Nina, outro exemplo de sua busca constante pela totalidade. Integrante do espetáculo "Skinner Box", encenado pela companhia em 2005, a cachorrinha adestrada era apenas mais um participante temporário do Cena 11. Às suspeitas de estresse e maus tratos do antigo dono, Alejandro respondeu com impulso, levando-a para dividir com ele sua vista da praia da Saudade. Agora, tenta administrar as conseqüências: com quem deixá-la quando viaja?

## Nove

Morando sozinho desde o estabelecimento profissional da companhia, Alejandro não se mostra muito à vontade com os afazeres domésticos. Quase nunca cozinha e detesta lavar a louça, muitas vezes acumulada alguns dias sobre a pia. O que menos suporta, porém, é arrumar a mala, justamente uma das atividades mais corriqueiras de sua vida entre turnês e estréias. Quando vai a Berlim, cidade em que gostaria de viver caso precisasse abandonar o país, e onde já esteve quatro vezes, a primeira a convite de uma famosa companhia local, passa horas lutando para encaixar as peças fundamentais que se amontoam: parece-lhe impossível a receita dos práticos, para quem bastam três camisas, duas calças e um sapato. Alejandro teima em querer tudo ao mesmo tempo, e tudo ao mesmo tempo geralmente não cabe em nenhuma mala.

## Dez

Parte da dificuldade com a mala provém de sua paixão pela moda, em especial a alternativa e de bom *design*. Quem já o viu nas ruas sabe que a aparência parece ser uma de suas coreografias mais criativas. O cabelo já foi comprido, raspado e curto, pintado com quase uma dezena de cores: azul, verde, descolorido, laranja, vermelho, cinza. Juntamente com música, sobretudo vinil, roupa é o item que mais compra. Para sentir-se bem com o que veste, preocupa-se, sim, com o corpo, mas sem a neurose típica dos bailarinos e das modelos. Evita bebidas fermentadas, mas não as noitadas. Dorme seis horas em dias de semana, mas apenas quatro quando enfrenta a madrugada. Foge do cigarro, mas se está saindo com alguma garota que fuma, quem sabe? Para contrabalançar, pratica musculação, em média três vezes por semana, e dança, dança muito, dança sempre.

## Onze

Não é só a juventude dos seus 36 anos que confirma o modo como Alejandro leva a vida. Suas nove tatuagens também gritam algumas verdades. Da primeira, uma pequena rosa negra nas costas, até a mais recente, variados estilos convivem numa harmonia paradoxal típica do bailarino: beleza e agressão, filosofia e cotidiano, elegância com rasgos. Há três anos, mais ou menos, uma frase certeira passou a ocupar seu braço esquerdo recordando no dia-a-dia a promessa de libertação de toda arte de respeito, seja a do Sphex, seja a de Alejandro: "Ainda há caos dentro de vós". Ainda, não, para sempre.

CASA DUWE, INDAIAL/SC

CASA EICHENDORF, SÃO BENTO DO SUL/SC

ESQUADRIAS, SÃO BENTO DO SUL/SC

CASA POLASKI, ITAIÓPOLIS/SC

CAPELA NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO, INDAIAL/SC

FOTOS | ACERVO IIª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO IPHAN/SC

# ROTEIROS DA IMI

Santa Catarina está ganhando mais de uma centena de novos imóveis tombados. Eles integram o projeto Roteiros Nacionais de Imigração, fruto de parceria entre a Fundação Catarinense de Cultura (FCC) e o Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional (Iphan), e que tem como objetivo preservar conjuntos de propriedades e bens culturais representativos dos diferentes imigrantes estabelecidos em solo catarinense.

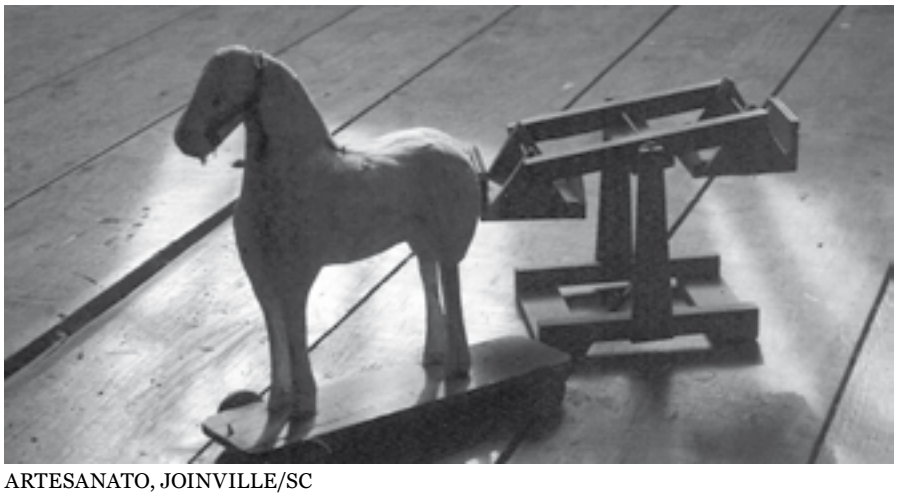
O levantamento dessas propriedades e bens culturais vinha sendo feito há duas décadas, e os tombamentos são apenas uma parte de um grande leque de ações de preservação e valorização do patrimônio dos imigrantes catarinenses. Um termo

ESCOLA E CASA DO PROFESSOR, TIMBÓ/SC

CASA BUBA, ITAIÓPOLIS/SC

CASA WUNDERWALD, POMERODE/SC

ENXAIMEL, GUABIRUBA/SC



ARTESANATO, JOINVILLE/SC

# GRAÇÃO

de cooperação técnica foi assinado envolvendo, além da FCC e do Iphan, também os ministérios de Cultura, de Turismo, de Desenvolvimento Agrário, a Santur, Epagri, Sebrae/SC e várias prefeituras municipais.

Para se integrarem ao projeto, os municípios de Ascurra, Blumenau, Indaial, Itaiópolis, Jaraguá do Sul, Joinville, Orleans, Pomerode, São Bento do Sul, Timbó, Urussanga, Vargem e Vidal Ramos se responsabilizaram pela adequação da legislação municipal de preservação do patrimônio e ordenamento territorial, pelo fortalecimento das áreas rurais, pela criação de centros de recepção e venda de produtos tradicionais, pela disponibilização de técnicos e pela criação de um fundo municipal de preservação.

FOTO GILL KONELL

PROJETOS APOSTAM NA ARTE COMO INSTRUMENTO DE LIBERAÇÃO DA CRIATIVIDADE E DE FORTALECIMENTO DA AUTO-ESTIMA

# PARTILHA E construção

Em uma escola pública do interior catarinense, crianças escolhem entre vários potes de tinta a cor de que mais gostam. Com ela, pintam a voz da pessoa que mais amam, ou usam o pincel fazendo gestos que lembrem movimentos do animal preferido. Em outra, jovens estudantes encenam uma peça baseada na obra do dramaturgo inglês William Shakespeare. As duas experiências integram projetos da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), e buscam descentralizar o conhecimento, as experiências artísticas e o acesso à arte.

Desenvolvidas a partir das Oficinas de Arte da Fundação, utilizam recursos vinculados à Lei Estadual de Incentivo à Cultura, Turismo e Esporte, por meio do Fundo de Incentivo à Cultura (Funcultural). Shakespeare nas Escolas, que aposta no teatro na rede de ensino, atendeu, em 2008, Florianópolis, Camboriú, Tijucas, Brusque, Santo Amaro da Imperatriz e Pomerode. Crê Ser, que potencializa as artes visuais, envolveu escolas de Blumenau, Rio dos Cedros, Treze Tílias, Bom Jesus, Maravilha, Rio Fortuna e Florianópolis.

Os dois projetos, que deverão ter continuidade no próximo ano, são coordenados por pessoas com experiência internacional, que crêem na arte como instrumento de liberação da criatividade e do fortalecimento da auto-estima. Shakespeare nas Escolas está sob a responsabilidade de Luciano Mateus. Graduado em arquitetura na Universidade

FOTO GILSON GIEHL

FOTOS | GILL KONELL, GILSON GIEHL E THOMAS KLASEN

FOTO GILL KONELL

de São Paulo (USP), em pedagogia Waldorf no Sepapa, e em artes cênicas na Artemis Speech and Drama School (Inglaterra), trabalhou nos anos 1990 como professor do ensino fundamental e de teatro na Escola Anabá e no Chile entre 2001 e 2004. Desde então, dedica-se a dirigir obras de teatro e ministrar oficinas de contar contos, teatro e escrita criativa.

Crê Ser está sob os cuidados de Sofia Camargo, que é brasileira, mas atualmente vive em Berlim, na Alemanha, onde mantém uma Galeria de Arte Infantil, um projeto temporário e ambulante realizado em escolas, museus e instituições para menores.

Sobre Shakespeare nas Escolas, a diretora de Difusão Artística da FCC, Mary Garcia, diz que a intenção é dotar jovens com aptidões cênicas de uma formação básica no âmbito da dramaturgia, mostrar a atualidade da obra de Shakespeare como instrumento de formação de novos atores. As apresentações são precedidas de oficinas com alunos e professores, além de debates com o público.

Já o projeto Crê Ser leva e aplica técnicas atuais de arte-educação a crianças e adolescentes do ensino fundamental, aprofunda a integração no ambiente de ensino, envolve os professores interessados em aperfeiçoamento de métodos pedagógicos neste campo e promove uma exposição no Centro Integrado de Cultura (CIC), em Florianópolis, atestando os resultados do projeto, que prevê a edição de um livro com texto e fotos. As duas experiências foram documentadas em DVD.

FOTO THOMAS KLASEN

FOTO GILSON GIEHL

FOTO THOMAS KLASEN

# FÉ NO DESCONHECIDO

O Crê Ser é um programa de esperança. Ele aposta na construção do sensível, da autoconfiança e da cidadania. Nesta entrevista, Sofia Camargo situa os pilares do projeto, expõe suas convicções e revela que, na missão de fazer a criança a acreditar em si mesma, é preciso ter fé no desconhecido. Ela está desde fevereiro em Santa Catarina, coordenando a oficina que adota as artes visuais para liberar a criatividade e o fortalecer a auto-estima, motivando crianças e adolescentes a pintarem seus desejos.

**Ô Catarina! — O que é fundamental abordar quando se busca uma definição para arte-educação? Não há muitos equívocos em torno desta atuação?**

**Sofia Camargo —** Acredito que sim. Eu mesma muitas vezes me questiono: o que é arte? O que é educação? Arte-educação no meu ponto de vista atual é, primeiramente, estimular na criança o interesse por atividades artísticas. É possível estabelecer um diálogo entre ela e o educador, a partir do momento em que ela confia e começa a atuar, se mostra, se expõe e, de certa forma, se entrega. A reação/avaliação do educador neste momento é de fundamental importância para a manutenção deste interesse. Quando ele se comporta de maneira sincera e sabe reconhecer algum ponto positivo (que sempre há) na arte da criança, ele ganha credibilidade. Caso a "conversa" flua entre ambos, a criança pode se desenvolver em muitos níveis de aprendizagem, via arte.

**Ô Catarina! — De que forma a arte pode ajudar a construir a auto-estima e a cidadania? Quais são os mecanismos operados nesta dinâmica?**

**Sofia —** As técnicas do Crê Ser são lúdicas, buscam estimular a criança a brincar e soltar seus sentimentos, sem precisar falar sobre eles. Por exemplo: eles escolhem a cor que mais gostam e pintam com gestos que lembrem movimentos do animal preferido. Ou pintam a voz da pessoa que mais amam. Há maneiras de generalizar sugestões que só podem ter soluções individuais. Quando o quadro está pronto, cada criança se vê nele, como se fosse um espelho do seu "eu". Claro que ela ainda não racionaliza isso, mas fica contente, sentindo-se capaz de visualizar algo que antes só conhecia no mundo dos sentimentos. Liberar fantasias alegra a criança. Quando estes quadros criados por elas vão para uma exposição num lugar tão reconhecido quanto o Centro Integrado de Cultura (CIC), creio que fica fácil perceber que elas mudam o grau de percepção sobre si mesmas, isto se estende também às famílias, especialmente as que são pobres e têm dificuldade em acreditar que os filhos possam de fato vir a ser o que eles mesmos quiserem.

**Ô Catarina! — Quais são os pilares do Crê Ser?**

**Sofia —** Respeito à criança, ao mundo em que ela vive, que é diferente do dos adultos. Sempre com outro universo imaginário, todas elas têm, no mínimo, uma capacidade: seja escrever, pintar, plantar uma horta, fazer traquinagem, tanto faz. Observando individualmente cada uma delas, sem pré-conceitos, percebemos que elas mesmas nos dão as diretrizes de como agir. O segundo pilar é o amor. Saber que cada uma delas é o que é devido à sua história pessoal. Sem julgamentos ou decisões estáticas, podemos avaliar um quadro de maneira produtiva para a criança. Isso fica fácil quando sentimos amor no coração e queremos de fato que estas crianças cresçam acreditando em si mesmas.

**Ô Catarina! — Trata-se de um trabalho inédito em Santa Catarina? Quais são as singularidades do projeto?**

**Sofia —** Levar um método que está sendo considerado eficiente na Alemanha para o desenvolvimento da criatividade e auto-estima de crianças privilegiadas do primeiro mundo, para escolas rurais ou freqüentadas por crianças pobres e carentes de sete cidades catarinenses. Outro fator é que crianças que aprendem com criatividade, ao invés de autoridade, têm como registro cerebral a informação de que são capazes de resolver os próprios problemas. Não importa se elas vão querer ser médicos ou agricultores. Todos os seres vivem melhor quando não têm medo. E quem é criativo tem menos medo, em via de regra, pois sempre pode enxergar a mesma coisa de maneiras diferentes.

**Ô Catarina! — Qual a etapa mais importante: a prospecção, a execução ou a finalização com a exposição?**

**Sofia —** A etapa mais importante é a feitura do trabalho. A realização em si. Dela depende o sucesso ou fracasso do projeto. O objetivo é fazer com que a criança acredite em si mesma. E conquistar a confiabilidade dela em tempo restrito e com grande quantidade de alunos simultaneamente exige concentração e muita fé no desconhecido.

FOTOS GILL KONELL

"NÃO IMPORTA SE ELAS VÃO QUERER SER MÉDICOS OU AGRICULTORES. TODOS OS SERES VIVEM MELHOR QUANDO NÃO TÊM MEDO. E QUEM É CRIATIVO TEM MENOS MEDO, EM VIA DE REGRA, POIS SEMPRE PODE ENXERGAR A MESMA COISA DE MANEIRAS DIFERENTES."

# MAIS PERTO DA CRIANÇA

O adjetivo "maravilhoso", que denota algo capaz de provocar grande admiração, deslumbramento, foi bastante usado pelas pessoas envolvidas com o projeto Crê Ser, desenvolvido numa escola rural de Rio dos Cedros em abril. Cerca de 300 crianças foram beneficiadas na Escola de Educação Básica Prefeito João Floriani. Os depoimentos traduzem entusiasmo. Veja a seguir alguns deles.

FOTOS GILL KONELL

LÍLIAN M. DORIGATTI, **secretária de Educação de Rio dos Cedros**
"Considerei que a melhor instituição para trabalhar as oficinas de autoconhecimento seria a Escola João Floriani, porque ela atende 13 comunidades do município. As crianças usam o transporte escolar, perfazem 70 quilômetros diariamente para chegar até o local. O projeto amplia o trabalho já desenvolvido na instituição, que é de referência, que gosta de crianças, gosta de educar, é uma escola muito afetiva, muito carismática, atende essas comunidades com carinho e amor. O resultado foi maravilhoso. A aceitação das crianças foi magnífica."

JULIANA ROPELATO, **diretora da escola**
"Descobri coisas que no dia-a-dia eu não conseguia ver, principalmente na parte emocional. Foi uma semana diferente e de muita emoção também. Sofia plantou algo diferente nos alunos e tenho certeza de que vamos colher muitos frutos, principalmente porque temos profissionais que se integraram e têm vontade de dar continuidade ao projeto. O Crê Ser é importante, porque chegou mais perto da criança."

GRACIELA LORENZ, **professora da 1ª série e coordenadora do projeto Reciclagem de Papel**
"O Crê Ser tem muito sentimento. Mexeu comigo, com o coração, estou bem diferente. Mexe com o que há dentro, com a vida, com o teu caminho, desde a infância até o futuro, você faz um resgate. Eu me emocionei, um dia fui chorando para casa. A partir do momento que se trabalha o sentimento da criança você consegue muito delas."

BERNADETE VON GILSA, **coordenadora da escola**
"Quanta emoção aflorou. Envolvemos todos para que tenham um olhar diferente em relação ao aluno. Hoje tivemos um incidente, a repetição de um problema. A nossa atitude, no entanto, foi diferente em função do projeto, que propõe refletir sobre o que há na vida do aluno. Muitas vezes olhamos o problema em si, mas não vemos o todo. O projeto deixa um trabalho, nós vamos ter ações regulares para buscar seus objetivos, ajudar o aluno a valorizar o que ele tem, de acreditar em si, de ir atrás do que acredita."

ADRIANE MENESTRINA, **11 anos, 5ª série**
"Tudo foi maravilhoso. O projeto é muito legal. Eu amo desenhar, foi muito importante. Trabalhei na tela sobre os valores e aprendi que eles se tornam mais especiais quando são expressados pela arte."

## INSTITUIÇÕES CONTEMPLADAS COM A OFICINA CRÊ SER

**RIO DOS CEDROS**
- Escola de Educação Básica Prefeito João Floriani

**BLUMENAU**
- Escola Básica Municipal Visconde Taunay

**TREZE TÍLIAS**
- Escola Municipal Irma Filomena Rabelo e Escola de Educação Básica São José

**BOM JESUS**
- Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti)

**MARAVILHA**
- Centro Educacional Monteiro Lobato

**RIO FORTUNA**
- Escola de Educação Básica Nossa Senhora de Fátima e Escola Municipal José Boeing

**FLORIANÓPOLIS**
- Cretinha Casa Lar

# O TEATRO COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO CIDADÃ

Um grupo de adolescentes da Capital descobriu William Shakespeare como potência de construção de sensibilidade e de sonho. Desde outubro de 2007, os alunos da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara, localizada no Ribeirão da Ilha, em Florianópolis, integram o projeto de arte-educação Shakespeare nas Escolas.

Os adolescentes estudaram o texto da peça "A Tempestade", que ganhou apresentações na instituição escolar e em quatro municípios catarinenses. Na base conceitual do programa, a convicção de que o teatro pode ser instrumento de formação cidadã. A iniciativa é inédita no Estado, porque não há no campo pedagógico das escolas públicas uma ação potencializadora do teatro como meio de disseminação dos conceitos de cidadania e que, simultaneamente, atenda cidades do interior, integrando comunidades escolares que, muitas vezes, atuam de forma isolada.

Com coordenação e aulas do arte-educador Luciano Mateus, a iniciativa amplia a formação de jovens com aptidões cênicas e propõe uma reflexão em torno da obra de Shakespeare, situando sua importância na dramaturgia mundial, o contexto histórico literário, a riqueza dos personagens e, fundamentalmente, circunscrevendo a atualidade dos temas.

A estruturação do projeto investe num modelo de montagem e pesquisa, apresentado aos professores dos cinco municípios contemplados na tentativa de estimular a multiplicação de iniciativas similares. Como complemento desta meta, ocorrerá a distribuição gratuita de um DVD contendo os principais momentos do trabalho, além da realização de oficinas com alunos e professores e debates após os espetáculos.

Os jovens que participaram da oficina atestam a atualidade da obra do dramaturgo inglês. Para eles, Shakespeare fala da juventude, da vida, dos sonhos, das dificuldades, do poder. A experiência, segundo eles, revela que o teatro é fonte de alimento, exercício para trabalhar outras questões, entre elas a timidez, o corpo como fonte de expressão e comunicação, a auto-estima.

FOTOS GILSON GIEHL

## INSTITUIÇÕES CONTEMPLADAS COM PROJETO SHAKESPEARE NAS ESCOLAS

**FLORIANÓPOLIS**
- Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara
- Teatro Álvaro de Carvalho

**CAMBORIÚ**
- Escola Prof. José Arantes

**TIJUCAS**
- Escola Cruz e Sousa

**BRUSQUE**
- Escola Feliciano Pires

**SANTO AMARO**
- Escola Estadual Lauro Müller

**POMERODE**
- Escola José Bonifácio

## ELENCO DE "A TEMPESTADE"

- Ana Bottega, Diego Coelho, Edna Torquato, Geizi Lopes, Giovanna Dutra, Jéssica de Souza, Larissa Vieira, Suellyn Silveira, Thaysi Silva, Thays Sebastião, Vitor Farias, Andrya Bottega, Drica Santos (assistente de direção) e Luciano Mateus (direção e coordenação).

# "A ARTE SÓ FAZ SENTIDO QUANDO TEM RELAÇÃO COM OS PROCESSOS DA VIDA"

Um desafio move Luciano Mateus, um arte-educador com experiência internacional que desenvolve o projeto Shakespeare nas Escolas. Com a convicção de que é possível transportar as questões criadas pelo dramaturgo inglês para a realidade da cultura catarinense, ele encena "A Tempestade". A peça trata de amores, ódios, cobiça, desejos, lealdade, emoções também presentes nos "movimentos psíquicos de adolescentes que vivenciam fortes sentimentos e buscam recursos para canalizá-los". Nesta entrevista, ele fala desta experiência singular, que ajuda jovens a descobrir qualidade individuais, atuar em equipe, alcançar confiança, desenvolver cidadania.

**Ô Catarina! — Como situa o papel na arte-educação num país ainda com tantas contradições quanto o Brasil?**

**Luciano Mateus —** O conhecimento só faz sentido na medida em que contribui para o desenvolvimento do indivíduo em sua integridade e tenha relação com os processos de vida, ou seja, quando pensamentos, sentimentos e ações se unam nas experiências que vamos colecionando. No processo de criação artística, a reflexão sobre um tema necessariamente passa pelo universo de emoções do indivíduo e se concretiza em suas ações. Neste sentido, a arte possibilita esta integração, faz com que o conhecimento seja "apropriado" pelo indivíduo, que esteja incorporado à sua individualidade e não algo alheio e abstrato, além de obviamente desenvolver recursos criativos para enfrentar qualquer situação ou tema nos processos de vida.

**Ô Catarina! — Em que base ocorre a escolha por um texto de Shakespeare?**

**Luciano —** Estamos em uma época na qual o tema da globalização se apresenta em complexas e contraditórias facetas. O indivíduo ao mesmo tempo em que tem a possibilidade de ampliar, por intermédio do contato com o resto do mundo, sua constituição idiossincrática herdada de sua família e de sua cultura regional, corre também risco de perder sua identidade, unindo-se inconscientemente à "cultura de massa". A obra de Shakespeare de certo modo é parte de uma cultura universal que expressa temas e questões relativas à existência do ser humano, independente do lugar e tempo. Seus personagens são quase arquétipos de determinadas situações da condição humana e não apresentam a sobreposição de capas psíquicas que um indivíduo de um lugar e de uma época específica apresentariam. Neste sentido, sua obra sempre foi fonte de inspiração para mostrar aspectos universais de qualquer contexto específico. O projeto pretende trazer as questões apresentadas na peça para a realidade da cultura local. É importante ressaltar outras duas razões: a clareza dos perfis psíquicos dos personagens de Shakespeare é de fácil acesso aos adolescentes. Outro aspecto interessante é que historicamente "A Tempestade" surgiu em um ambiente renascentista originado na cultura urbana emergente e, de algum modo, o que se propõe agora é a idéia de levar a cultura urbana

FOTO GILSON GIEHL

da Capital de volta ao interior, por intermédio das oficinas e apresentações planejadas.

**Ô Catarina! — Do que trata o espetáculo "A Tempestade" e por que é importante para os jovens? De que forma o texto toca a juventude?**

**Luciano —** "A Tempestade" trata sobretudo do domínio dos impulsos "naturais" que brotam na natureza humana, como amores, ódios, cobiça, desejos, lealdade. Próspero é um mago que domina as forças da natureza: vento, chuva, espíritos etc. Usando-as como aliadas, comanda os outros personagens, fazendo-os transformarem suas paixões naturais. Vejo este mesmo movimento psíquico nos jovens adolescentes que vivenciam fortes sentimentos "desgovernados" e buscam recursos para canalizá-los.

**Ô Catarina! — Qual o modelo de montagem e pesquisa? Como se desenvolve o projeto?**

**Luciano —** A montagem busca contextualizar o ambiente da ilha onde Próspero naufragou com o ambiente de Florianópolis. Nos dois lugares existe uma aura de "magia", seja pelos seres do mundo elemental (espírito do ar, filho da bruxa, espíritos do lugar) apresentados na peça ou pela mitologia açoriana presente na Ilha de Santa Catarina. O texto faz referência a nomes de cidades em Açores e mistura alguma história recolhida por Franklin Cascaes (1908/1983). Também relaciona o encontro do mundo da cultura, da corte, da urbe com o mundo natural e com seres de cultura mais próximos à natureza. Esteticamente a montagem tem uma proposta simples, com elementos figurativos básicos que criam a atmosfera dos distintos cenários e caracteriza os personagens. O foco do trabalho está na vivência da dramatização. Cenário, figurino e iluminação são compactos para serem transportados nas excursões pelo interior do Estado. Essencialmente o projeto consistiu na montagem da peça "A Tempestade" de William Shakespeare em escolas da rede pública estadual de cinco cidades do interior do Estado. As apresentações foram acompanhadas de oficinas ministradas pelos próprios jovens que estão participando da peça. O grupo foi selecionado nas oficinas realizadas durante três meses em 2007 com estudantes da Escola Estadual Dom Jaime de Barros Câmara, no Ribeirão da Ilha.

**Ô Catarina! — Que resultados você espera alcançar com relação ao trabalho?**

**Luciano —** O mais evidente é o desenvolvimento individual dos participantes. Observando o resultado das outras vezes em que dirigimos projetos semelhantes, se pode perceber que em geral os jovens conquistam uma enorme confiança para se expor publicamente em diversas situações e despertam a crença em suas qualidades individuais, reconhecendo também as qualidades do outro. Todos também desenvolvem habilidades sociais para o que é o trabalho em grupo, já que o resultado de uma montagem só ocorre na medida em que cada um cumpre sua função, por "menor" que seja. Se um cenário não é trocado na hora certa, a peça fica tão comprometida quanto se o ator "principal" esquece o texto. Por esta mesma razão trabalhamos sempre com dois elencos, nos quais os participantes se alternam vivendo em um elenco um papel maior e em outro um papel secundário e ajudando atrás das coxias. No caso específico deste projeto esperamos fomentar nos lugares visitados o interesse pela proposta, a fim de dar continuidade nos próximos anos e eventualmente até criar um festival anual de teatro entre escolas de todo o Estado.

# URBANO.COM

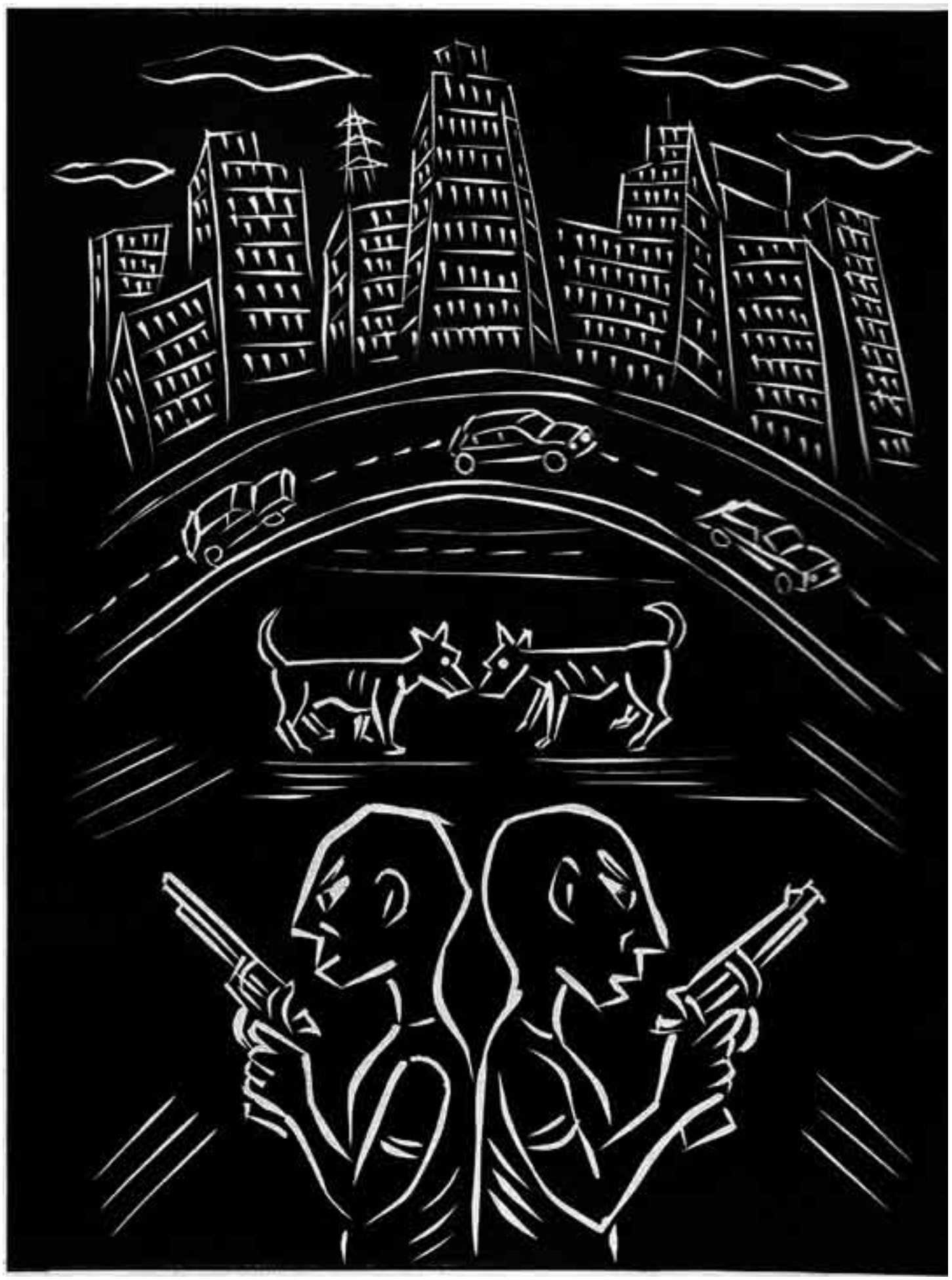
A cidade tem sobre mim
milhares de braços
e nenhum abraço.
Tem milhares de olhos
e nenhum olhar de ternura.

A cidade, sobre mim,
tem incontáveis portas
e portais, mas nada
que se abra à minha alma
prisioneira.

Sem que assim pareça,
cerceia a cidade meu ir-e-vir
para que, lentamente, pereça
a minha sede de senti-la
como vértice das iguarias
do existir.

A multidão que me rodeia
é nula no que pudesse ser
amor; ao contrário, asfixia-me
em duelo aloprado
de cães.

Cá dentro de mim, avesso
do que lá fora vocifera,
uma voz em silêncio
pactua: a fera que um dia
ardia, agora dorme.



POEMA | ALCIDES BUSS
GRAVURA | CHICO MARINHO

SEMIÓTICA CURATORIAL TEM CURADORIA DE JAYRO SCHMIDT E PROPÕE IMAGENS À INVENTIVIDADE DOS POETAS. ELAS, PORTANTO, NÃO ILUSTRAM OS POEMAS: SÃO OS POEMAS QUE SE REFEREM ÀS GRAVURAS E SÃO ESCRITOS INSTANTANEAMENTE.